

Minha história¹

RYSZARD MAJUS

Traduzido do inglês por Hedy Lorraine Hofmann

Introdução

Começo a escrever a minha história em 29 de abril de 1992, uma quinta-feira – o Dia de Recordação dos seis milhões de judeus europeus mortos no Holocausto.

Escrevo em polonês, porque nesse idioma é mais fácil formular os meus pensamentos. Espero que algum dia esta história seja traduzida para os idiomas conhecidos pelos meus netos, hebraico e inglês. Esta história é escrita para eles. Será uma história sobre a nossa família, uma história sobre pessoas das quais nada mais resta, salvo aquilo que continua vivo na minha memória.

Toda pessoa tem um nome. Hoje, esses nomes estão sendo chamados em voz alta. Eu direi esses nomes aqui – os nomes e personagens a quem pertenciam. Nada deles restou para mim – sequer um objeto ou uma fotografia – salvo uma fotografia do meu pai, que me foi enviada da Austrália. Eu gostaria de preservá-los do

esquecimento. É esse o meu dever, já que fui o único a sobreviver ao Holocausto. Já tenho 68 anos de idade, e este é o último momento em que posso começar a escrever.

Outrora uma pequena cidade, Wielkie Oczy é agora uma aldeia na fronteira entre a Polônia e a Ucrânia, ao lado da cidade de Lubaczow. É necessário um mapa detalhado da Polônia para encontrá-la. Lá nasci. Lá passei a minha infância. Lá estão, enterrados no cemitério, meus avós, que tiveram a sorte de morrer uma morte natural antes dos fascistas alemães e ucranianos matarem a população judaica inteira da cidadezinha, em 1942-1943. Entre esses estavam os meus pais, Avraham e Golda (Silberstein de solteira), o meu irmão Yossi, meus tios e tias, e meus amigos de colégio. Gostaria de escrever algumas palavras sobre essa cidadezinha e sobre a casa dos meus pais.



Abraham "Pum" Majus, the author's father, in the uniform of the Austro-Hungarian army

Wielkie Oczy

A casa na qual nasci, em 4 de fevereiro de 1924, ficava na praça da cidade. Tinha um andar de altura, construída de tijolos vermelhos, e era coberta por telhas. A casa foi construída por meu avô, do qual contarei mais tarde. Todas as casas na praça tinham um único andar, eram construídas de madeira ou de tijolos. Em cada uma das casas na praça havia uma loja, uma oficina, uma padaria ou um sapateiro. Todas pertenciam a judeus. A casa da Sra. Lin, que ficava ao lado da nossa, era a única exceção. Naquela casa vivia uma família polonesa que fabricava e vendia salsichas e carne. A única casa de dois andares na praça abrigava a câmara de vereadores. A praça era coberta de grama. Uma estrada de terra atravessava a praça. No meio da praça havia um poço com uma roda. De lá a água era carregada até as casas em baldes. Havia acácias em torno da praça. Da praça saíam ruas sem nome. A rua que levava à pequena cidade vizinha era chamada “A Estrada para Krakowiec” e assim por diante.

Uma das ruas levava ao cemitério israelita que ficava atrás do cemitério católico. Nessas ruas havia pequenas casas com telhados de asfalto, telhas ou sapé. Nessas casas viviam agricultores poloneses e ucranianos que eram os donos dos campos circundantes. Os prédios de uso agrícola ficavam próximos às casas. Famílias judias, tais como alfaiates, funileiros ou comerciantes de carne também viviam em algumas dessas casas.

Na cidade viviam poloneses católicos, ucranianos grego-católicos e judeus. Os poloneses falavam polonês, os ucranianos falavam ucraniano, e os judeus falavam ídiche. A maioria dos judeus, é claro, sabia falar polonês e ucraniano. Na praça, ao lado da nossa casa, havia uma igreja católica. Nunca entrei lá. Durante os festivais, eu observava as

cerimônias cristãs que eram realizadas no pátio da igreja, a partir da janelinha no telhado. A igreja era antiga. Durante a Primeira Guerra Mundial, um obus atingiu a parte superior de uma das paredes e o buraco permaneceu como lembrança da Guerra. Na mesma praça havia uma escola primária, com sete anos de estudo. Estudei nessa escola com as outras crianças da cidade. Os estudos eram em polonês, mas também havia uma aula em ucraniano. Atrás da igreja havia um mosteiro. Houve um tempo em que as freiras também ensinaram na escola. Estudei lá no segundo e no terceiro ano. Meu primeiro brinquedo foi uma marionete de latão que tirava o chapéu para cumprimentar quando se puxava uma corda. Ganhei esse brinquedo do meu tio de Viena. Foi-me tirado por uma professora-freira, porque eu brinquei com ele durante uma aula. O brinquedo nunca me foi devolvido. Até hoje não consigo esquecê-lo.

Os ucranianos rezavam em uma igreja grego-católica do outro lado, próximo à praça. Na torre da igreja católica havia três sinos, enquanto que na igreja grego-católica havia apenas um. Perto da praça havia um posto de correios e uma delegacia de polícia. Na mesma rua, havia um moinho a vapor no qual foi posteriormente instalado um motor a diesel. O som do motor (bum, bum, bum) era ouvido até na nossa casa. Ao lado do moinho havia uma destilaria onde fabricavam álcool de batatas e cevada. O moinho e a destilaria eram de um proprietário de terras da localidade, o Sr. Czerny. Ele vivia em uma grande propriedade rodeada por um parque. Dentro desse parque havia uma pequena mansão, bem como casas para os empregados. O moinho era alugado à família Feiner. Meu amigo Yossi Strassberg estava enamorado de uma das três filhas do Feiner.

A família Feiner também possuía uma pequena fábrica de cereais, que funcionava com uma trilha-

deira. O cavalo, que era atrelado à tábua, caminhava em círculos e fazia a máquina funcionar. O Sr. Bauer trabalhava na destilaria. A família Bauer vivia ao lado da destilaria e tinha de subir até lá por uma escadaria. Uma das filhas do Bauer casou-se com o meu tio Zelig antes da Segunda Guerra Mundial, em 1938. Todos foram mortos junto com os outros judeus da cidade.

Não havia energia elétrica em Wielkie Oczy. Acendíamos lâmpadas a óleo à noite. Não havia iluminação nas ruas. O moinho era o único lugar que tinha eletricidade. Também não havia água encanada. A água era armazenada em baldes. Os sanitários ficavam fora da casa e é lá que tínhamos que ir ao banheiro. Esse era um problema menor no verão, mas muito maior no inverno. Não havia ruas pavimentadas ou calçadas. Quando chovia as pessoas caminhavam na lama. Viajavam na lama com carroças puxadas por cavalos. Apenas em poucos lugares, a beira das estradas era coberta de tábuas para os pedestres; chamávamos esses de trottoirs, em francês. Para aquecer os fogões usávamos madei-

ra. Não conhecíamos o carvão. A única forma de transporte era a carroça puxada por cavalos. A estação ferroviária mais próxima, situada na capital regional Jaworow, ficava a cerca de 20 km de distância.

Logo atrás da praça, no lado sul, havia uma antiga sinagoga e casa de orações, chamada *Beit Ha-Midrash*. Era uma casa de um andar, com uma plataforma no meio e uma Arca Sagrada colocada na parede oriental. Em toda a volta havia mesas e cadeiras de madeira. Sobre as prateleiras estavam livros sagrados para o estudo do *Talmud* e para rezas. Sobre as mesas havia castiçais para iluminar o salão. Muito espaço era ocupado por um grande forno de tijolos para aquecer o salão. Atrás do forno havia a cama temporária de Lipe, cujo trabalho era acender o forno no inverno e limpar a casa de estudos. Orações eram realizadas diariamente na casa de estudos, bem como no *Shabat* e nos dias de festa. Era possível entrar no lugar a qualquer hora para ler e estudar o *Talmud*. As mulheres entravam na seção feminina por meio da escadaria de Madeira e sentavam nas galerias que se debruçavam sobre o salão principal. Lá participavam nas orações de *Shabat* e dias de festa.

Do outro lado da rua ficava a sinagoga. Era um grande prédio branco, do qual se orgulhava a comunidade inteira. A sinagoga tinha sido construída com a ajuda de contribuições de judeus americanos que eram originários de Wielkie Oczy. O velho *Beit HaMidrash* foi destruído durante a ocupação nazista, em 1943. Por outro lado, a sinagoga ainda está de pé. Eu a vi com os meus próprios olhos quando estive lá depois da guer-



A sinagoga em uma fotografia sem data (© Yad Vashem, cortesia da The Holocaust Martyrs' and Heroes' Remembrance Authority, Film and Photo Department, Archives, Israel)

ra. Hoje serve como um celeiro de grãos de uma cooperativa agrícola. As orações eram realizadas na sinagoga apenas no *Shabat*. Fazia frio lá no inverno, porque não havia calefação no prédio. Os casamentos eram realizados nos degraus da entrada principal, e lá havia um dossel (*canopy*). A caminho do cemitério também paravam para rezar durante os funerais. Todo judeu de posses tinha um lugar permanente na sinagoga. Os lugares de maior honra ficavam ao lado da parede oriental, junto à Arca Sagrada. Meu avô, o falecido Israel Majus, sentava-se lá. Passei muitas horas rezando com ele nesse lugar. A sinagoga tinha janelas de vidro colorido. Lá predominava um frio festivo. A plataforma era feita de ferro forjado e ao lado dela havia um grande candelabro. Nessa plataforma, dirigida para o leste, ficava o cantor litúrgico, ou outro que estivesse liderando as orações. Ao lado dele havia um lugar para o rabino. Na minha memória, vejo uma cortina de veludo de cor violeta, bordada com letras douradas, que cobria a Arca Sagrada. Dentro da Arca estavam os rolos da *Torá*. Essa cortina tinha sido doada à sinagoga pelo meu tio, o falecido Leon Majus, na única ocasião que eu me lembro, em que ele veio de Viena, onde vivia permanentemente, para visitar-nos.

A comunidade judaica de Wielkie Oczy tinha o seu próprio rabino, bem como o açougueiro ritual, que abatia frangos e gado para o açougueiro local. O rabino e o açougueiro viviam um ao lado do outro próximo à sinagoga. Numa casa vizinha vivia uma família que tinha uma licença especial para assar Matzá de Pessach para a comunidade judaica. Também havia uma máquina para moer farinha de matzá.

Não havia *Chassidim* em Wielkie Oczy. Os judeus usavam barba e os judeus religiosos usavam barbas e *peiot*. Alguns deles tinham barbas longas, e alguns, como o meu avô, tinham barbas

curtas. No *Shabat*, a caminho da sinagoga, vestiam chapéus de pele de raposa (*shtreimel*) ou, como meu pai, um chapéu. *Peiot* eram compulsórios para todo menino judeu e para todo adulto. Quando eu cortava o cabelo sempre me deixavam *peiot* do lado das orelhas. Não conhecia ninguém que não os tivesse.

Nos sábados, domingos e feriados cristãos, as lojas judias tinham de ficar fechadas. Geralmente, judeus, ucranianos e poloneses – a população inteira da cidade – viviam amistosamente. Todos se conheciam. Não me lembro de qualquer incidente antijudaico. Por outro lado, frequentemente eram escritos slogans nos muros. Esses slogans zombavam dos judeus ou pediam o boicote às lojas judaicas. Também exigiam que os judeus emigrassem para a Palestina. Eis dois dos grafites dos quais me lembro, da minha infância: “Vida longa a todos os que surram judeus” e “Judeus para a Palestina”. As crianças na aula gritavam (em tradução muito livre): “Um judeu tem duas bolas. Vem um tigre e as morde. Vem um leão, bebe sangue e o judeu morre”.

Ucranianos que haviam vivido na Galícia, na Polônia Oriental, entre as duas guerras mundiais, sonhavam com um estado ucraniano independente. Tinham organizações nacionalistas oficiais e clandestinas contra as quais lutava o governo polonês. Os escolares gritavam: “Aqui há uma colina e lá um vale. Vejam isso, fica embaixo e não é a Ucrânia”. Tudo isso era considerado natural, e as pessoas não levavam muito a sério. Em *Sucot*, toda família judia construía uma *sucá* (cabana). Essas cabanas eram excelentes alvos para crianças não judias, que atiravam pedras nelas quando lá fazíamos nossas refeições festivas.

Às vezes vinha para Wielkie Oczy um *tzaddik* ou um bispo. Para a visita de um *tzaddik*, a comunidade judaica inteira fazia preparativos de ante-

mão. Um pátio era construído e carregado por quatro homens de modo que, D-s me livre, ele não sujasse seus sapatos na lama. O *tzaddik* geralmente vinha da direção de Lubaczow. Eles o aguardavam com o pátio nos arredores da cidade, e toda a população judaica o acompanhava até a casa do rabino e à sinagoga. O rabino saía de sua casa envolto em um *tallit* para receber o *tzaddik*. Rapazes judeus, montados a cavalo, agiam como um corpo de guarda acompanhando o *tzaddik*. A fim de homenagear o *tzaddik*, ele também era recebido pelo prefeito e pelo padre da localidade, acompanhados por fazendeiros importantes. O bispo católico também era recebido de maneira semelhante quando vinha visitar a cidade. Os sinos tocavam nas igrejas católica e grego-católica, os judeus iam até os arredores da cidade com os rolos da *Torá*. O bispo saía do pátio e beijava a *Torá*. Nos dias de festa judaicos, durante as orações na sinagoga, o prefeito vinha para uma curta visita, especialmente quando uma oração era feita em intenção ao presidente da Polônia, Ignacy Moscicki, ou ao Marechal Pilsudski. No livro de orações impresso antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, havia orações pelo soberano do Império Austro-Húngaro, o Imperador Francisco José. Todos os que rezavam, cuja maioria não entendia a versão da reza em hebraico, oravam a Deus por saúde e longa vida para o Imperador Francisco José, embora ele já tivesse falecido há bastante tempo.

Com o passar do tempo, quando começaram a desenvolver-se propaganda e atividades contra os judeus na Alemanha fascista, os partidos e grupos nacionalistas na Polônia também adotaram ideologias fascistas e perseguiram os judeus.

Nós, meninos judeus, não tínhamos permissão de pertencer aos escoteiros. Eu tinha inveja dos meus amigos que iam às suas reuniões vestindo uniforme. Também não podíamos entrar na orga-

nização *Strzelec*, na qual meninos mais velhos treinavam com rifles. Fizemos rifles de madeira e os imitamos. Por volta daquela época, foi estabelecida uma Organização Agrícola que abriu lojas que corriam com as lojas dos judeus. Nos muros apareceram slogans, tais como “Não compre em lojas judias”, e “A Polônia para os poloneses”. Esse foi um sinal de alerta sobre aquilo que aconteceria no futuro próximo. Infelizmente, ninguém na cidade deu-se conta disso.

Lar e Família

A casa nº 2 tinha um andar, era construída de tijolos vermelhos e ficava na praça. Tinha cinco pequenas peças. Atrás da casa havia uma horta e um pequeno pátio. No lado em que ficava o pátio, havia uma cozinha de verão, chamada varanda. Uma escadaria ia de lá até uma peça no telhado. Duas peças tinham janelas para a praça. Duas outras, do mesmo tamanho, tinham janelas para o pátio. A cozinha, sem janela, ficava no meio da casa e separava a parte da frente da parte junto ao pátio. A casa tinha duas entradas, uma a partir da praça e uma do pátio. A entrada da praça levava à loja. Da loja era possível entrar no quarto do Vovô e da Vovó Majus, bem como acessar a cozinha. Da cozinha e do pátio havia entradas para a sala dos nossos pais e seu quarto de dormir. Da loja, através de uma abertura no assoalho, havia uma entrada ao porão. Acima da entrada da loja havia um sininho que tocava sempre que alguém abria a porta. Isso anunciava a entrada de cada freguês na loja. Inicialmente, vendíamos produtos têxteis na loja, que mais tarde foram substituídos por miudezas, porque essa mercadoria necessitava de menos capital. Logo antes do início da guerra em 1939, vendíamos apenas fumo e cigarros. A loja deveria servir como fonte de renda para toda a família. Havia

várias lojas como essa na cidade, que concorriam entre si. Os fregueses eram a população local, bem como os agricultores das aldeias próximas.

O centro da vida familiar era a cozinha. A maior parte do espaço na cozinha era ocupada por um forno para fazer pão e um forno para cozinhar. Acima do segundo forno havia um coletor de fumaça que levava a uma chaminé. Embora a cozinha fosse a peça mais escura da casa, nela fazíamos todas as nossas refeições, e cada um tinha seu lugar marcado na mesa. Sentávamos lá nas noites compridas de outono e inverno à luz de uma lamparina a óleo. Lá eu fazia o meu dever de casa. Era quente por causa dos fornos. Não aquecíamos as outras peças a fim de poupar madeira. A cozinha também servia como local para se tomar banho, pois havia uma pia e um balde de água. Antes das festas e, naturalmente, antes de *Pessach*, nos lavávamos numa banheira de latão que era trazida para baixo da peça que ficava sob o telhado. As excreções eram feitas na casinha de madeira que ficava no pátio. À noite usávamos um urinol. No inverno a temperatura chegava a 20 graus abaixo de zero, e a neve cobria a praça, as ruas e os campos. Na casa fazia tanto frio que a água congelava nos baldes. Ventos fortes removiam as telhas, e a neve caía através de buracos para dentro da peça no telhado. Essa neve tinha de ser coletada e retirada de lá antes de derreter e molhar os tetos. Meu pai nunca me batia, mas, certa vez durante o inverno, quando ele me pediu que o ajudasse a juntar a neve e eu me recusei, recebi golpes tão fortes que me lembro deles até hoje.

Éramos muito pobres. Meus amigos tinham lindos trenós, fabricados por um carpinteiro. Eu tinha um trenó feito por meu avô. As lâminas do trenó eram de madeira. Eu tinha vergonha de ter um trenó como aquele, mas o que podia fazer? Eu costumava deslizar do topo de uma pequena colina

ao lado da nossa casa. Eu tinha medo demais para deslizar de um morro mais alto perto da destilaria.

Nunca tive roupa nova. Sempre vesti roupas que minha mãe fazia a partir de roupas de adultos. Ela tinha uma máquina de costura que usava para costurar e consertar roupas para a família inteira. A primeira camisa nova que tive foi comprada numa loja com o dinheiro que ganhei aos 13 anos de idade dando aulas de reforço escolar. No quinto ano, recebi uma pasta de couro já usada para ir à escola, como presente do meu pai, que a comprara na feira. Até então, eu carregava meus livros amarrados com um cordão. Vejo até hoje a pasta na frente dos meus olhos, fiquei muito orgulhoso. No canto da loja havia um pequeno armário de madeira grosseiro feito pelo vovô. Nesse armário, a vovó guardava doces cristalizados feitos em casa. Às vezes ela os passava para mim numa fatia de pão com manteiga. O armário estava sempre chaveado. Meu pai certa vez me preparou um presente excelente. Ele encomendou uma estante de livros para mim do carpinteiro. A estante tinha uma gaveta e duas prateleiras. Ficava do lado da minha cama e cheirava a tinta fresca.

Tive dois avôs e duas avós. O nome do avô “mais importante” era Israel Majus. Ele era chamado Srul. Era alto e magro. Tinha uma barba e *paies* bem pequenos, e sempre vestia roupa preta ou cinza. Fumava cigarros enrolados em papéis Soleli. Costumava dividir cada cigarro em duas partes. Depois colocava o fumo em papel para cigarros e fazia dois novos cigarros. Nas noites de sexta-feira e aos sábados caminhava até a nova sinagoga de mãos dadas comigo. Costumava vestir um casaco preto longo, amarrado com renda de veludo preto. Ensinou-me a segurar um martelo, como martelar pregos. Junto comigo, fazia brinquedos de pedaços de madeira que estavam no pátio. Nunca lhe perguntei sobre a sua infância, quem

eram seu pai e seu avô, e de onde vieram para Wielkie Oczy. Vovô falava alemão muito fluentemente. Em casa, na estante de livros, havia livros em alemão, geralmente impressos em letras góticas, alguns com desenhos. Tenho muita pena de não saber nada sobre o meu avô. Ele nunca nos contava nada sobre si mesmo. Na cozinha, ele tinha o seu lugar permanente à mesa. Depois de cada refeição vespertina, costumava beber chá de um copo espesso, que ele segurava em ambas as mãos. Faleceu alguns anos antes da guerra e foi enterrado no cemitério israelita em Wielkie Oczy. Era levita.

O nome da esposa do vovô Israel, minha avó do lado paterno, era Elka. Assim ela era chamada. Era mais baixa do que o vovô e tinha seu próprio cabelo; não usava peruca como outras mulheres judias. Naquele tempo, assim como entre as famílias judias religiosas de hoje, uma mulher raspa o cabelo imediatamente após a cerimônia de casamento, e passa a usar uma peruca. A minha mãe também tinha o seu próprio cabelo. A vovó Elka usava óculos pince-nez com uma armação de metal presa ao seu nariz. Muitas vezes ela me comentava coisas. Lembro-me até hoje de uma coisa que aconteceu. Peguei uma vara e fiz vários desenhos no chão no pátio que a vovó acabava de varrer. Então, ouvi-a dizer: “Você destruiu o chão”.

Os nomes da vovó e da minha tia Rosa que faleceu na Suíça antes de eu nascer, foram usados como um código familiar para indicar os preços na nossa loja. Com a ajuda delas, codificamos preços mínimos, abaixo dos quais não havia lucro. As letras dos nomes da vovó e da tia representavam os dígitos de 0 a 9, de modo que, enquanto se barganhava com os fregueses, cada membro da família sabia com toda certeza por quanto cada objeto podia ser vendido. A vovó morreu antes da Guerra, um ano após o vovô. Como o vovô, ela morreu na sua cama. Está enterrada do

lado do vovô no cemitério israelita.

O nome do meu avô do lado materno era Solomon Silberstein. O nome da esposa era Raquel. Ela era a segunda esposa do Vovô Silberstein. Em outras palavras, nunca conheci a minha avó de verdade, a mãe da minha mãe, pois ela faleceu antes de eu nascer. Vovô e Vovó Silberstein viviam em Wielkie Oczy numa casa de madeira na estrada que levava ao cemitério católico. Ao lado da casa crescia uma pereira que dava muitas peras gostosas. O Vovô Solomon tinha uma barba vermelha curta. O Vovô era negociante de peles. Tinham dois filhos, meus tios. O filho mais velho, Zelig, era a pessoa de mais alto nível de educação em Wielkie Oczy, porque ele era o único que tinha passado nos exames de conclusão do curso secundário. Trabalhava como secretário no conselho da cidade e assim tinha quase o *status* de funcionário do governo. Seu irmão Yossie ajudava o Vovô Solomon no comércio de peles. Vovô Solomon morreu antes da guerra. Sua esposa Rachel chegou à parte norte da Rússia, a República Komy, de maneira indireta. Lá, aparentemente, faleceu. Durante o Holocausto, o meu tio Zelig e sua jovem esposa morreram perto de Lwow. Ele se casara com ela logo antes do início da guerra. O seu irmão, o meu tio Yossie, também morreu lá.

O único da minha família imediata que sobreviveu ao Holocausto foi outro filho de Vovô Solomon, o irmão da minha mãe, Emmanuel Silberstein. Sobreviveu porque, antes da guerra, ele tinha vivido em Berlim e conseguira fugir para os Estados Unidos com sua esposa Sally, antes de começarem as perseguições.

O Fim...

No primeiro dia da Guerra entre a Alemanha e a URSS, em 22 de junho de 1941, tropas alemãs atra-

vessaram o rio San que ficava próximo e entraram em Wielkie Oczy.

Em julho de 1941, os alemães formaram a administração municipal e a polícia, tendo como funcionários os ucranianos locais. Também foi formado um *Judenrat* (Conselho dos Judeus), que era dirigido por Wolu Taler. Foi então que começaram as perseguições aos judeus.

O chefe da polícia alemã de Jaworow, um homem chamado Wolf, foi especialmente cruel. Sua atividade favorita era assustar judeus com o seu cão pastor alemão, do qual ele nunca se separava. Em particular perseguia pais de família cujos filhos ou filhas tinham conseguido fugir para o leste, para a Rússia, antes de chegarem os alemães. As vítimas eram amarradas em um poste na praça da cidade e surradas sem dó nem piedade. Os carrascos eram ucranianos da delegacia de polícia local. Dessa forma assassinaram o alfaiate local, Srul (Israel) August, cujos três filhos escaparam dos alemães para a Rússia. Foram eles Joseph-Ber August, Abraham August e Majer August. A *Gmina* ucra-

niana era chefiada por Smutek como seu *wojt* (líder) e Bulycz como secretário. Todas as semanas, Wolf chegava na aldeia junto com os seus administradores alemães para coletar “contribuições” sob forma de joias, peles, etc. da *Gmina* Judaica. No outono de 1941, os homens jovens e fortes, conforme a lista fornecida pelo *Judenrat*, foram levados para um destino ignorado, provavelmente ao campo Janowska em Lwow. Nesse campo morreu o meu pai Abraham Majus em 1943.

Em junho de 1942, toda a população judaica foi convocada à praça da cidade. Cada pessoa pôde levar apenas o que podia carregar, e foram levados à força para o gueto de Krakowiec. Os velhos e doentes foram carregados em carroças dos agricultores. As casas de judeus foram seladas. A distância até Krakowiec é de sete quilômetros. A caminho de lá aqueles que não conseguiam acompanhar o passo foram surrados cruelmente, em particular por um policial ucraniano, um homem mudo da aldeia de Horysznie, chamado Iya, que estava armado com um porrete. Depois de desmontarem o gueto de Krakowiec, os

que sobreviveram à fome e às doenças foram reassentados no gueto na antiga cidade distrital de Jaworow. Lá reuniram a população judaica da região. O gueto de Jaworow existiu até 1943. Os residentes do gueto de Jaworow foram mortos lá mesmo, fuzilados em grupos na floresta próxima. Foram enterrados em uma vala comum.

Os residentes de Wielkie Oczy que fugiram e puderam esconder-se nas florestas da região foram capturados. Em 1943, foi capturado um grupo de nove,



O portão do cemitério israelita, Wielkie Oczy numa foto de 1964 (© Yad Vashem, por cortesia do The Holocaust Martyrs' and Heroes' Remembrance Authority, Film and Photo Department, Archives, Israel)

inclusive três mulheres e três crianças. Todos foram fuzilados e enterrados no cemitério judaico em Wielkie Oczy. Entre as vítimas estavam Bajla Karg, 26, Chaim Grosman, 30, e Meir Mazym.

No final daquele ano, foi capturado outro grupo de 12. Esses também foram fuzilados e enterrados no cemitério israelita.

No gueto de Jaworow, entre outros, morreram a minha mãe Golda Majus e meu irmão de 12 anos de idade, Joseph Majus.

Quatro jovens judeus, homens de Wielke Oczy, que sobreviveram até o final na floresta, voltaram às suas casas em Wielkie Oczy após a entrada do Exército Soviético. Foram mortos por um bandido local, um polonês. Entre eles estava meu vizinho Joiny Richter.

Os ucranianos locais, membros da polícia e ou-

tros, foram levados para a Sibéria pelo governo soviético. Logo antes da entrada das tropas soviéticas, os bandidos da UPA local incendiaram a aldeia. Muitas casas de judeus foram queimadas, em especial aquelas de madeira. As restantes, aquelas de tijolos, foram tomadas pelos poloneses. A velha sinagoga foi demolida para se usar os tijolos. A nova ainda existe hoje, e é usada para armazenamento. Todas as lápides foram roubadas do cemitério israelita. Servem como calçadas e degraus da entrada de muitas casas. Estão cobertas de concreto e não podem ser vistas. A área do cemitério em si, em 1985, é uma imagem de um terreno cheio de arbustos selvagens.

Ryszard (Reuven, Ryzio) Majus
Tel Aviv, 1992



Mapa de Wielkie Oczy (2000) http://kehilalinks.jewishgen.org/WielkieOczy/Expedia_map_wielkie_ocy.htm

NOTA

Este texto foi publicado em inglês no site <http://kehilalinks.jewishgen.org/WielkieOczy/>. Por solicitação dos editores, sua tradução e publicação na *WebMosaica* foram autorizadas por David Majus, filho do memorialista, por e-mail, em 20/10/2010.